

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC
CURSO DE ARTES VISUAIS – BACHARELADO**

FERNANDA BALDIN

CONEXÕES HÍBRIDAS EM MEIO AO PROCESSO CRIATIVO

CRICIÚMA

2021

FERNANDA BALDIN

CONEXÕES HÍBRIDAS EM MEIO AO PROCESSO CRIATIVO

Trabalho de Conclusão do Curso, apresentado para obtenção do grau de bacharel no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Profa. Ma. Katiúscia Angélica Micaela de Oliveira

Criciúma, 22 de junho de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Katiúscia Angélica Micaela de Oliveira – Mestre – (UNISUL) – Orientadora

Profa. Daniele Cristina Zacarão Pereira – Mestre – (UDESC)

Profa. Odete Angelina Calderan – Mestre - (UFSM)

Dedico a mim e a todos que sempre me apoiaram.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a minha orientadora Kátiuscia pelo aconselhamento e paciência;

A todos os professores do curso pelos ensinamentos repassados durante todos esses anos;

As secretárias do curso pela agilidade em resolver problemas e dúvidas dos acadêmicos;

Aos meus pais e familiares por todo apoio;

Aos motoristas dos ônibus por me levarem até aqui;

Aos amigos que fiz durante o curso e aos que não fazem parte dele;

A todos muito obrigada!

“A vida só existe em relação às polaridades.”

Lygia Clark

RESUMO

A presente pesquisa, intitulada *Conexões híbridas* em meio ao processo criativo, está inserida na linha de Processos e Poéticas: Linguagens, do curso de Artes Visuais - Bacharelado. É uma pesquisa A/r/tográfica e (Auto)biográfica que tem como questão problema: Como compreender as conexões híbridas que permeiam minhas produções artísticas em meio ao percurso poético? Dentro dessa constatação, faço uma análise das minhas produções em desenhos, pinturas, fragmentos de escrita, entre outros; com o objetivo de estabelecer conexões entre si, revisitando movimentos aparentemente opostos como o Realismo e Surrealismo. Para tratar dessas questões enfatizadas, tenho como referências bibliográficas principalmente os autores: Salles (2009), Brites e Tessler (2002), Breton (1924), Gombrich (2000), Cocchiarale (2006) e Oliveira (2016). E nos diálogos trago os artistas: Picasso, Man Ray, Salvador Dalí, Lygia Clark, Escher, Rosa Bonheur e Jean-François Millet. Como desdobramento da pesquisa desenvolvo uma instalação chamada "Sem Título", composta de trabalhos realizados na graduação em conexão com produções desenvolvidas recentemente, e apresentada na exposição coletiva *Investigações de Si*, na Sala EdiBalod.

Palavras-chave: Conexões Híbridas. Realismo e Surrealismo. Investigações de Si. Processo Criativo.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Sem Título, (2019). Esculturas em argila branca.....	15
Imagem 2 – Sem Título, (2019). Desenho com caneta Nanquim.....	16
Imagem 3 – Sem Título (2018). Cologravura 2/3.	19
Imagem 4 – Sem Título (2019). Esboço com caneta Nanquim.	20
Imagem 5 – Os olhos (2019). Instalação, argila e pratos de cerâmica. Exposição coletiva <i>Intensidades Sensíveis</i>	22
Imagem 6 – Sem Título (2018). Desenho do meu padrinho feito apartir da fotografia, a caneta.....	25
Imagem 7 – Caminhando, de Lygia Clark (1964).....	27
Imagem 8 – Meu “Caminhando” feito durante a pesquisa.....	28
Imagem 9 – Relatividade, de Escher (1953)	29
Imagem 10 – Homem com Enxada, de Jean-François Millet (1862).....	31
Imagem 11 – Arando em Nevers, de Rosa Bonheur (1849)	32
Imagem 12 – Sem Título, 2021, fotografia.	33
Imagem 13 – Sem Título, 2018, fotografia.	34
Imagem 14 – Light Painting, de Picasso (1949).....	36
Imagem 15 – Anatomia, de Man Ray (1930).....	37
Imagem 16 – Girafa em chamas, de Salvador Dalí (1937)	38
Imagem 17 – Quatro esquemas de como a obra pode ser montada	41
Imagem 18 – Esquema – lugar de pesquisa	42
Imagem 19 – Dentro e fora = surrealidade e realidade respectivamente	43
Imagem 20 – Anotações de 2019, 2020 e 2021	44
Imagem 21 – Registro da montagem, recortar e colar	45
Imagem 22 – Registro da montagem, colocando na parede.....	46
Imagem 23 – Registro da montagem, desenhando as setas	46
Imagem 24 – “Sem Título”, (2021). Exposição coletiva Investigações de Si, Sala EdiBalod.....	47
Imagem 25 – Detalhe da obra “Sem Título”	48
Imagem 26 – Detalhe da obra “Sem Título”	49
Imagem 27 – Detalhe da obra “Sem Título”	50
Imagem 28 – Detalhe da obra “Sem Título”	51
Imagem 29 – Detalhe da obra“ Sem Título”	52

Imagem 30 – Detalhe da obra “Sem Título”	53
Imagem 31 – Convite da exposição coletiva <i>Investigações de Si</i>	54

SUMÁRIO

1 DO INÍCIO AO TRAÇAR DO CAMINHO	9
2 SENTIR OU RACIONALIZAR?	14
3 CONEXÕES HÍBRIDAS NO PROCESSO CRIATIVO: DIÁLOGOS.....	24
4 INSTALAÇÃO: CRIANDO CONEXÕES.....	40
5 CONSIDERAÇÕES (NÃO SÃO) FINAIS	55
REFERÊNCIAS.....	59

1 DO INÍCIO AO TRAÇAR DO CAMINHO

Quando criança a minha principal forma de expressão foi o desenho e depois a pintura, sempre tive interesse em trabalhos manuais, então quando procurei uma graduação percebi que me encontrava na área das humanidades e principalmente na criatividade, portanto escolhi o campo das artes: o curso de Bacharelado em Artes Visuais.

Assim como grande parte das pessoas eu sempre identifiquei como arte os formatos clássicos: a pintura, a escultura, o desenho e a ilustração. Eu não tinha muito conhecimento sobre outras linguagens e principalmente sobre arte contemporânea. Durante o meu percurso na graduação fui conhecendo novas linguagens, técnicas e formas de fazer e pensar a arte, através das aulas teóricas e da experiência dentro dos ateliês de: Gravura, Serigrafia, Performance e Intervenção, entre outros.

Esses momentos de experimentação me ajudaram a '*pensar fora da caixa*', ver além do que me foi ensinado na escola, à arte clássica, e descobrir o que é a arte contemporânea, mudando totalmente o meu ponto de vista sobre as minhas produções artísticas.

Tenho produções em vários formatos, mas a grande maioria delas é em superfície plana, principalmente papel. Percebo que quando olho para um trabalho tridimensional, seja ele qual for sempre observo a forma, as linhas, o contorno. Cada processo de criação está ligado a uma forma de pensar, de como a mente funciona, e todos os meus processos estão ligados ao desenho, seja no início, meio ou fim. Vejo o desenho de tudo, e no fim a técnica pouco importa. Edith Derdick (2015, p. 47) comenta que, "Em todas as atividades humanas, o desenho acaba se manifestando[...]". Portanto as imagens que farão parte desse trabalho são vistas por mim com esse olhar de análise sobre o desenho. "Desenhar objetos, pessoas, situações, animais, emoções, ideias são tentativas de aproximação com o mundo. Desenhar é conhecer, é apropriar-se." (DERDICK, 2015, p. 38)

Nos últimos anos, mesmo antes do curso, comecei a focar mais na representação do corpo e suas partes por gostar do formato e sentir que tinha uma grande expressividade para mim. No início queria aprender anatomia e ficar o mais próximo possível do real, melhorar o meu realismo, depois essa ideia foi se desconstruindo e perdendo o sentido, a desconstrução da mente veio de encontro com os meus desenhos que tomaram formas muito mais autênticas do que antes.

Comecei a misturar elementos de outros seres, um pouco de ser humano, um pouco de alienígena, um pouco de planta, enfim, alguns elementos nem sei de onde vem. Não sei o que são de fato. Mas costumo chamar as produções dessa fase de híbridos.

A repetição é algo muito importante quando se fala de minha poética, pois tudo repetido várias vezes ganha força e consistência. Sendo assim, vejo que repito sempre o mesmo tema, corpos. Sempre que olho para eles me passa a sensação de ser algo espiritual, interior, parece haver algo a mais, um significado, um mistério, um lado obscuro. Uma espécie de incógnita que ronda essas produções.

Ultimamente não tenho produzido nada, então fica a lembrança dessas últimas produções que são as que mais gosto. No projeto de pesquisa a minha ideia inicial era tratar sobre a sensação de estranhamento que algumas dessas obras causavam no público apreciador, provavelmente por serem contemporâneas e de corpos desconstruídos¹. Naquela época vivia um momento em que me sentia julgada e vista como estranha, quando criava algo acredito que estava refletindo essa sensação, eu olhava para essas produções e fazia uma relação com a situação do momento.

Desse modo, coloco a arte como expressão da subjetividade, das vivências e reflexões do artista. Penso na arte como algo em constante relação com a vida, o que se reafirma com a arte contemporânea.

Hoje um ano depois analiso de outra forma por estar em outro momento da minha vida, talvez de forma mais técnica, percebo que o meu maior interesse está na estética.

Ao analisar a estética das minhas produções percebo que há a influência de vários movimentos artísticos do passado, porém atualmente vejo principalmente a relação entre dois movimentos: o realista e o surrealista, os quais de certa forma permeiam as minhas produções contemporâneas.

Penso no realismo como uma técnica que precisa de algo como base, buscando representar a realidade, no meu caso uso a fotografia como referência para o desenho. Tenho olhado para algumas das minhas fotografias como algo artístico e, portanto, trarei para a pesquisa como fazendo parte das minhas obras voltadas para o estilo realista.

Já o Surrealismo vejo como um movimento que prevalece o imaginário, a ideia mental e, portanto, está mais relacionado aos meus desenhos de corpos híbridos.

¹ Chamo de corpos desconstruídos me referindo aos híbridos.

Sendo assim olho para os meus desenhos percebendo essas conexões entre si, entre real e surreal, pois faço conexão com o Realismo e Surrealismo para então analisar como a minha poética tem-se desenvolvido nos últimos anos.

Seguindo como tema da pesquisa trago: conexões híbridas no processo criativo, pois percebo que consigo fazer relações entre meus trabalhos com várias linguagens artísticas e também movimentos, principalmente o Realismo e Surrealismo. Existe uma ligação entre esses dois movimentos à medida que a própria noção de real e surreal se torna confusa ou até mista nas minhas produções.

Segundo Rey (2002, p.127) “Para a pesquisa, muito mais importante do que achar respostas é saber colocar questões.”, portanto o problema de pesquisa é: Como compreender as conexões híbridas que permeiam minhas produções artísticas em meio ao percurso poético? E as questões norteadoras são: De que forma há conexões entre as minhas produções e as obras de outros artistas? Qual a relação entre razão e emoção com o realismo e surrealismo? Como isso se conecta com a busca da racionalização da arte?

O objetivo geral da pesquisa é: compreender as conexões híbridas que permeiam minhas produções artísticas em meio ao percurso poético. E os específicos são: buscar artistas que apresentem essa relação entre real e surreal nas suas obras e, portanto, se conectam com as minhas produções. Analisar de que forma a razão e a emoção estão interligadas com o realismo, o surrealismo e também a busca da racionalização da obra de arte. E concluir fazendo uma instalação artística decorrente da pesquisa.

Para iniciar esse estudo é preciso de um embasamento teórico, portanto tenho como principais referências as ideias de Fernando Cocchiarale (2006) sobre arte contemporânea e as relações com os movimentos de vanguarda, o livro *O Meio como Ponto Zero: Metodologia da Pesquisa em Artes Plásticas* (2002) e Cecilia Salles (2009) como referências sobre processo criativo, *O Manifesto Surrealista* de André Breton (1924) trazendo as ideias do movimento e Gombrich (2000) trazendo reflexões sobre o realismo e surrealismo na história da arte, de forma rizomática trago citações de Clarice Lispector (1998) relacionando com o lado abstrato e subjetivo da pesquisa.

Como referências artísticas trago o pintor espanhol Salvador Dalí² (1904-1989), o fotógrafo, pintor e cineasta norte-americano Man Ray³ (1890-1976), o pintor espanhol Pablo Picasso⁴ (1881-1973), o pintor francês Jean-François Millet⁵ (1814-1875) e a pintora e escultora francesa Rosa Bonheur⁶ (1822-1899) a fim de fazer relações com as suas obras, as minhas e os dois movimentos tema de pesquisa. Também trago a pintora e escultora brasileira Lygia Clark⁷ (1920- 1988) e o artista gráfico holandês Escher⁸ (1898-1972) com o intuito de demonstrar a relação metafórica da imagem com o processo de criação.

Além disso, tenho como referências a designer têxtil e ilustradora do Reino Unido chamada Hiedra⁹ e o escultor Johnson Tsang¹⁰ de Hong Kong, porém não trarei as suas obras nesse discurso a fim de não estender de mais a pesquisa, suas obras podem ser vistas seguindo os links.

Quando falamos de pesquisa podemos pensar que ela surge sempre de uma curiosidade sobre determinado assunto ou questão, e que vem para esclarecer os pontos de discussão encontrados. Segundo Cattani (2002, p. 49) “A pesquisa em arte e a pesquisa sobre arte necessitam de parâmetros científicos e metodológicos que as norteiem, sobretudo no âmbito da universidade”. Portanto a **metodologia** principal da pesquisa é (auto)biográfica, também entendida como uma investigação qualitativa, a partir das narrativas pessoais de vida, sentimentos, percepções e trocas com o mundo exterior.

É a sequência da obra própria pelo próprio que fornece o sólido suporte para se compreender a passagem do tempo numa vida. A objetivação da narrativa autobiográfica dá-se a partir da sequência crítica marcante na continuidade da vida relatada (FREITAS; GALVÃO, 2007, *n.p.*).

² Disponível em: https://www.ebiografia.com/salvador_dali/. Acesso em: 11 abr. 2021.

³ Disponível em: https://www.ebiografia.com/man_ray/. Acesso em: 11 abr. 2021.

⁴ Disponível em: http://www.ebiografia.com/pablo_picasso/. Acesso em: 11 abr. 2021.

⁵ Disponível em: <https://www.historiadasartes.com/prazer-em-conhecer/jean-francois-millet/>. Acesso em: 15 abr. 2021.

⁶ Disponível em: <https://www.catalogodasartes.com.br/artista/Marie%20Rosa%20Bonheur%20-%20Rosa%20Bonheur/>. Acesso em: 15 abr. 2021.

⁷ Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa1694/lygia-clark>. Acesso em: 20 maio. 2021.

⁸ Disponível em: https://www.ebiografia.com/m_c_escher/. Acesso em: 27 maio. 2021.

⁹ Disponível em: https://www.instagram.com/___hiedra___/. Acesso em: 29 mar.2021.

¹⁰ Disponível em: <http://www.redseagallery.com/artists/johnson-tsang>. Acesso em: 29 mar.2021.

O método de pesquisa além de ser (auto)biográfico também é A/r/tográfico, pois:

É um tipo de investigação [...] que utiliza procedimentos artísticos, sejam estes, literários, cênicos, visuais ou performativos, para dar conta de práticas de experiências nas que tanto os diferentes sujeitos (pesquisador, leitor, colaborador) como as interpretações sobre suas experiências revelem aspectos que não são visíveis em outro tipo de investigação (OLIVEIRA, 2016, p. 372).

Sendo as minhas produções o principal objeto de estudo, trazendo também obras dos artistas citados para uma melhor compreensão, relacionando a escrita com a estética e a percepção sensível.

Portanto a metodologia de pesquisa se insere na Linha de Pesquisa Processos e Poéticas – Linguagens¹¹ do Curso de Artes Visuais Bacharelado da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC) é uma pesquisa qualitativa, pois visa trazer novos pontos de vista e informações que agreguem ao mundo abstrato das ciências humanas e não dados numéricos.

Pois trata-se de uma pesquisa teórica e de uma investigação dentro dos meus processos pessoais de produção como artista e da poética que a envolve.

[...] fazer pesquisa nestas concepções é estar em movimento constante, em processo, em percurso. Neste tipo de investigação será o leitor quem terá que estabelecer os nexos, fazer a trilha, pois o caminho não está dado a priori. O sentido não será apresentado pelo pesquisador, será necessário ser construído pelo leitor (OLIVEIRA, 2016, p. 378).

Já que ao buscar as conexões entre os movimentos e as obras provavelmente ocorrerão ramificações estas que me levam a minha produção de arte intitulada “Sem Título” como trabalho de conclusão de curso.

Nos próximos capítulos farei o desenvolvimento da pesquisa, as conexões entre o realismo, surrealismo bem como o processo de criação e as obras, no quarto capítulo descreverei a instalação artística e no último farei as considerações finais.

¹¹ Disponível em:

http://www.unesc.net/portal/resources/files/42/ROTEIRO%20PPC%20%20BACHARELADO%20OFICIAL%2001_09_2014.pdf. Acesso em: 20 mar. 2021.

2 SENTIR OU RACIONALIZAR?

Desde pequenos somos ensinados a procurar a razão das coisas, chegar a uma resposta concreta e racional. Procure no texto a frase que responde à pergunta e copie. Copiar. Copiar. Copiar. São muitas referências do que fazer: pai, mãe, amigo, colega, vizinho... Se formos refletir a vida gira em torno das possibilidades que nos foram apresentadas e muitas vezes são as mesmas, e isso se repete em todas as áreas da vida, gerando um sistema. Quantas vezes repetimos o que nos foi ensinado sem nem questionar? Sem pensar no porquê fazemos o que fazemos? Resumindo, estas são formas culturalmente difundidas e aceitáveis de compreender o mundo e atribuir significado as coisas, as imagens e a arte num geral, o que acaba reduzindo o seu valor a um aspecto apenas racional.

Todas essas questões da vida que podem parecer irrelevantes para a pesquisa ou sem nexos, na verdade fazem parte. A arte também sofre com isso, tudo que ocorre na vida reflete na arte, pois “[...] o artista não se isola do mundo, sequer no momento da produção ou performance. Pelo contrário, as ocorrências ambientais, sociais e sensíveis o afetam [...]” (KEPLER, 2015, p. 02). E, portanto, afetam a sua produção.

Na escola fui ensinada que o melhor era aquele que conseguia reproduzir a realidade e não o processo criativo. Assim, a sensibilidade é deixada de lado levando várias gerações a enaltecer a representação por compreender a arte de forma concreta. E quando é algo mais original sempre surgem às mesmas questões: o que é isso? O que significa? De onde você tirou isso? Perguntas que são feitas desde criança até os artistas mais velhos.

Cada vez que olho para os híbridos procuro encontrar um sentido e todas às vezes chego a uma conclusão diferente, os desenhos não mudam, mas o tempo passa, eu mudo e isso basta para deixar tudo confuso. Espera-se que o artista entenda a própria obra, talvez eu esteja no caminho. Um monte de incógnitas. Não sei por que busco um significado naquilo que não criei para ser explicado. Acho que está mais ligado a uma repetição de imagens e ideias que surgiram em minha mente e sobre o foco de pensamento na humanidade, penso muito no ser humano. Com certeza a gente é um erro da natureza, será por isso que crio outros seres?

Imagem 1 – Sem Título, (2019). Esculturas em argila branca.



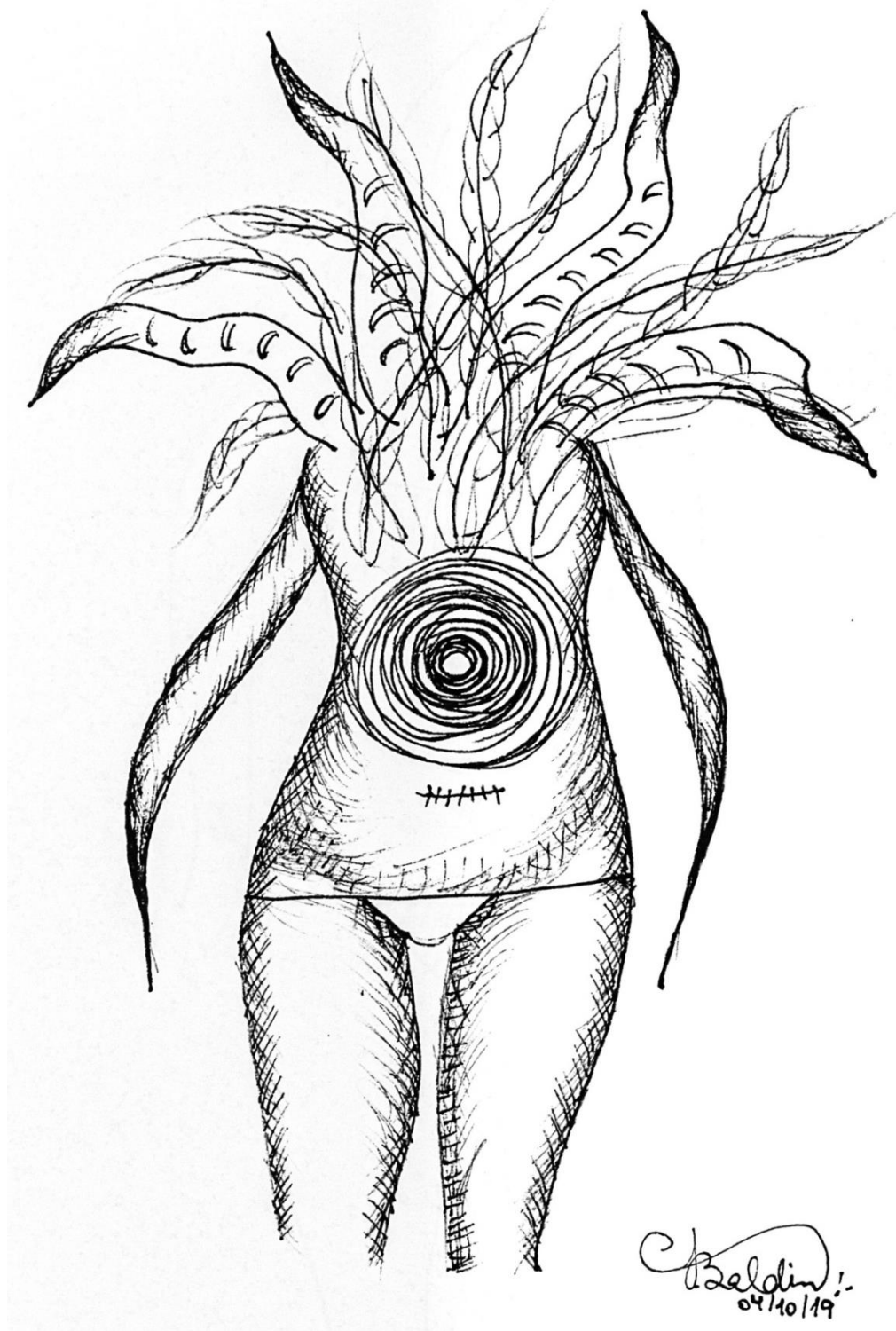
Fonte: Acervo Pessoal.

Estamos habituados a querer definir e explicar as coisas e assim acabamos reduzindo toda a experiência estética a uma ideia do que aquilo significa e então voltamos a buscar uma resposta racional até na arte. Já dizia Lancri (2002, p. 26) “O uso da razão na pesquisa em artes plásticas deve, com efeito, ser temperado por uma certa dose de dúvida. Pois a arte tem razões que a razão desconhece”.

Não faz muito tempo que eu mesma ficava tentando racionalizar e buscar um sentido em algumas das minhas produções artísticas, principalmente os híbridos, achando que ter um conceito tornava a arte melhor, com mais relevância. Ou melhor, dizendo, encontrar a essência do meu trabalho artístico, porém é algo tão profundo e pessoal que nem eu mesma consigo enxergar, tudo o que tenho são resquícios.

Um dia surgiu uma ideia do que eu estava representando através dos meus desenhos híbridos e acabei anotando esse pensamento em meu diário:

Imagem 2 – Sem Título, (2019). Desenho com caneta Nanquim.



Fonte: Acervo Pessoal.

“O hibridismo vem como uma mistura de elementos distintos, de espécies diferentes, como uma modificação que mostra o interior a partir do desenho do corpo (exterior), que seria uma forma de expor os sentimentos, a alma situada dentro do corpo. Gerando assim um estranhamento, o mesmo estranhamento que sentimos ao conhecer alguém mais profundamente, as partes de alguém que não entendemos por inteiro seriam as partes soltas as quais não se encaixam ao conceito formado que temos dessa pessoa.

No desenho essas partes soltas são os componentes híbridos que quebram com a ideia formada de corpo humano. A união do corpo com partes de plantas, animais e etc. Transmitindo a sensação de haver algo oculto, fora do comum que leva a uma curiosidade de quem vê em tentar compreender o que aquela imagem representa já que não bate com o conceito pré-estabelecido de corpo humano, quando o desenho pode ser considerado um alienígena, uma experiência científica, etc.

A imagem do corpo híbrido sempre leva a uma incompreensão que nunca será resolvida, pois nunca se pode entender completamente a personalidade de alguém, sempre existirão lacunas.”

Fernanda, início de 2020.

Anotei este pensamento porque um dia poderia ser útil... Eu estava buscando compreender e conceituar a minha própria obra de uma forma lógica e até hoje não sei dizer o que significa. Naquele momento parecia que era uma metáfora, onde eu ilustrava a alma através do hibridismo, agora penso que o meu real interesse estava na estética, na forma, e não no significado.

Segundo Cocchiarale (2006, p.14) “Entender significa reduzir uma obra à esfera inteligível. Eu nunca ouvi ninguém dizer: eu não consegui sentir essa obra.” Quando a ideia está explícita na obra, parece que a sensibilidade fica de lado pois a clareza não deixa espaço para a reflexão.

Já a falta de lógica de algumas obras abre caminho para uma infinidade de leituras e interpretações, aguça a sensibilidade por ser um mistério. Rey (2002, p. 128) descreve a constituição da obra para além da superfície:

Imaginemos que a obra de arte se constitui numa espécie de iceberg, isto é, um todo composto por uma parte visível na superfície (a obra em sua configuração formal e material) e por uma grande parte que fica submersa, invisível (o pensamento, ideias e conceitos veiculados pela obra). Essa parte submersa nem sempre se evidencia explicitamente na configuração formal da obra, mas é, sem dúvida, o que a diferencia como obra de arte dos demais objetos produzidos por uma sociedade.

Buscamos compreender a arte através da estética, mas tudo que vemos é o resultado final, o processo está escondido lá atrás, no passado, são as camadas que compõem o *iceberg* como menciona Rey. Além do visual, também buscamos compreender através do discurso do artista, da sua explicação, de uma entrevista. Por vezes observei o comportamento das pessoas durante uma exposição e notei que muitas vezes buscamos na ficha técnica o título ou então o conceito, até mesmo no paratexto essa explicação. E mais uma vez Cocchiarale (2006, p. 14) fala que “A explicação assassina a fruição estética, já que ao reduzir a obra a uma explicação mata sua riqueza polissêmica e ambígua, direcionando-a num sentido unívoco”.

Lembro que quando iniciei o curso pensei que iria aprender a nomear as minhas criações, colocar títulos e criar sentido a partir disso, hoje vejo como esse pensamento era besta. Eu não “sabia” colocar títulos e durante todos esses anos o que menos fiz foi justamente colocar títulos.

Como Larrosa (2002, p.21) diz “[...] o sentido ou o sem-sentido, é algo que tem a ver com as palavras”. E os títulos dão sentido, pois geralmente é através deles que

o espectador procura respostas e/ou também a confirmação de sua reflexão sobre a obra.

Concluindo, atualmente compreendo o título como uma interferência na construção de sentido, não busco dar respostas prontas e nem certezas quando deixar em aberto é mais interessante. Por isso (e também por falta de criatividade para títulos) geralmente o título das minhas obras é “*Sem título*”, que por sua vez acaba sendo um título.

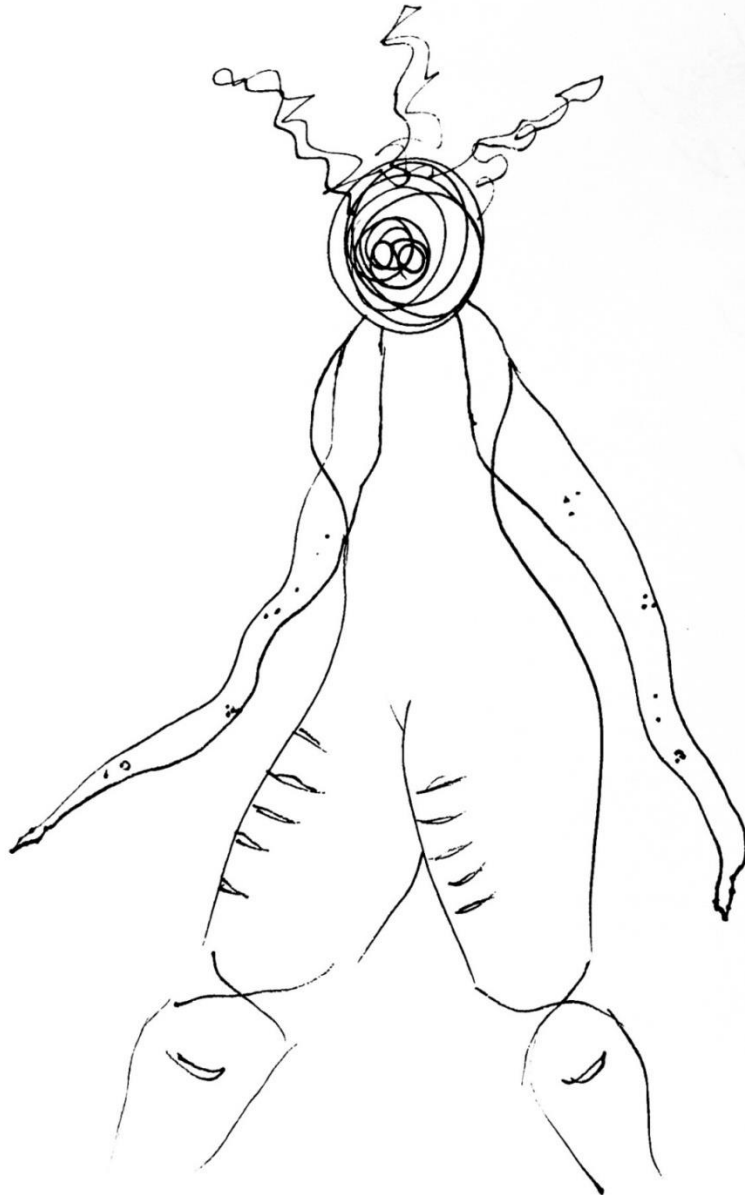
Imagem 3 – Sem Título (2018). Cologravura 2/3.



Fonte: Acervo Pessoal.

Como diria Breton (1924, p. 4). “Está intratável mania de reduzir o desconhecido ao conhecido, ao classificável, embala os cérebros. O desejo de análise prevalece sobre os sentimentos”. sempre relacionamos o desconhecido buscando referências e aproximações no que já conhecemos, nas minhas produções isso ocorre por meio do corpo gerando questões como: mas o que é isso? Parece uma pessoa, mas não é? Acredito que as relações feitas são uma via de mão dupla, entre o que o artista deixa transparecer pela obra e a bagagem cultural do espectador.

Imagem 4 – Sem Título (2019). Esboço com caneta Nanquim.



Fonte: Acervo Pessoal.

“A essência está em cada coisa que não faz sentido, é a anomalia de cada um.

Além da capacidade de pensar e criar explicações lógicas.

A existência da humanidade é um mistério.

Corpos bem construídos.

Corpos que à medida que a linha traça se desfazem, ou melhor, tomam outra forma.

Transformam-se, flutuam, movimentam.

Misturam-se com outros seres, tomam novas identidades.

E tudo recomeça.

O tempo passa, e esse tempo dá espaço para novas leituras.

Agora não.

As coisas sempre ficaram na entre linha, no meio. Espaços em aberto confundidos com espaços vazios e ociosos de significado. Mas não. Espaços em aberto, que deixam, abrem passagem para muitos sentidos temporários, o primeiro é o momento da criação.

O sentido efêmero.

Uma sensação de deslocamento.

Essas obras são mais uma referência a um ambiente subjetivo e psicológico, como transcrever o abstrato.

O mundo muda, as pessoas mudam e se transformam em outras coisas, em coisas estranhas. Seres indefinidos.

A simplicidade das coisas que rastejam lentamente e daqueles que flutuam nesse mundo.”

Fernanda, abril de 2021.

Imagino que todo artista em algum momento se perguntou: qual é a essência do meu trabalho? Muitas vezes me questionei.

Hoje vejo que estava errada em procurar uma definição, pois “Estou lidando com a matéria-prima. Estou atrás do que fica atrás do pensamento” (LISPECTOR, 1998, p. 6). E essas coisas são difíceis de definir. Tentar definir o indefinível e se frustrar porque não conseguiu definir, o que de fato já é uma definição de indefinível.

Tentamos descrever a essência das coisas usando as melhores palavras possíveis, mas nem o dicionário todo abrange o significado. Para mim a essência fica no meio, assim como tudo que é abstrato, os sentimentos, as sensações, todas essas coisas difíceis de descrever usando palavras, nós apenas nos satisfazemos com a aproximação do significado real. Todas as tentativas são falhas, pois a essência é maior do que o conceito, é metafísico, é algo espiritual e invisível que está presente na obra e que podemos sentir. “É o figurativo do inominável” (LISPECTOR, 1998, p. 57).

Imagem 5 – Os olhos (2019). Instalação, argila e pratos de cerâmica. Exposição coletiva *Intensidades Sensíveis*.



Fonte: Acervo Pessoal.

Sempre que penso em essência me refino a questões pessoais, culturais, históricas de uma pessoa, tudo que compõe a identidade e principalmente traços marcantes que se sobrepõem frente a outros. Até os que são inexplicáveis e difíceis

de conceituar. Incomuns. A identidade de um artista sempre aparece na sua obra de alguma forma. Segundo Salles (2009, p.37):

Em toda prática criadora há fios condutores relacionados à produção de uma obra específica que, por sua vez, atam a obra daquele criador, como um todo. São princípios envoltos pela aura da singularidade do artista; estamos, portanto, no campo da unicidade de cada indivíduo. São gostos e crenças que regem o seu modo de ação: um projeto pessoal, singular e único.

Vemos na história da arte muitos casos de artistas que mudaram o tema de suas produções por causa de acontecimentos que o afetaram, nesse contexto percebemos a influência do exterior na poética pessoal.

Dentre os motivos que levam o artista a mudar de fase estão: mudança de cidade, encontro com outra cultura, problemas familiares, relacionamentos amorosos, doenças físicas e psicológicas, vícios, mudança de perspectiva, influência de outros artistas, entre outros. Dessa forma fatos externos acabam interferindo na arte também. Salles (2009, p.38) diz que “Relacionamo-nos, assim, com o solo onde o trabalho germina. Quando se fala em solo, pensa-se no contexto, em sentido bastante amplo, no qual o artista está imerso: momento histórico, social, cultural e científico.”

Enquanto Cocchiarale (2006, p. 44) traz um pensamento que vai de encontro com Salles dizendo que “[...] a arte não tem nenhuma essência. Tudo que é cultural é inventado, etc.” apesar de ser contraditório, concordo com esse ponto de vista, mas ainda continuo acreditando que existe algo único de cada pessoa que não é compreendido trazendo algo de obscuro, oculto por ficar no escuro. Muitas vezes o próprio artista não consegue se ver plenamente, e quem está de fora também não, tudo que vemos são partes, temos visões parciais de tudo e as coisas sempre vão mudando.

3 CONEXÕES HÍBRIDAS NO PROCESSO CRIATIVO: DIÁLOGOS

No ensino médio comecei a fazer desenhos realistas por encomenda¹² a partir da fotografia, geralmente retratos de casal ou de família, as encomendas sempre eram destinadas a pessoas queridas do cliente, eu gostava disso, desse traço emocional que não está ligado a técnica, mas ao destino final da obra. Talvez esse seja o lado mais emocional do Realismo. Naquela época eu achava muito legal fazer esses trabalhos, e queria me tornar cada vez melhor fazendo realismo, hoje em dia tenho uma percepção diferente.

Quando se faz realismo se está limitado a reproduzir o real, sempre existe um limite impossível de ultrapassar, a realidade. Usa-se menos da imaginação e talvez mais da percepção, pois existe uma base, seja ela uma fotografia ou a observação, como nos desenhos de observação. Claro que ainda assim o artista pode fazer algumas modificações ou ajustes, mas poucos, porque se mexer de mais estará tirando a identidade daquilo que quer representar e criando outra coisa. O artista precisa ceder parte de si para fazer o trabalho de um copista. Parte da sua poética, da sua essência, seus gostos, sua visão. Para fazer aquilo que o outro quer, ainda mais seguindo uma ideia que não é sua. Não existe mistério no realismo, pois daqui dez anos vou olhar para o desenho e saber exatamente o que representa, a resposta é sempre a mesma. Se a encomenda era de um casal sorrindo sempre será visto um casal sorrindo, é óbvio, o realismo é objetivo. Não existe espaço para reflexão e busca de sentido.

¹² Encomenda: trabalho feito a pedido do cliente.

Imagem 6 – Sem Título (2018). Desenho do meu padrinho feito apartir da fotografia, a caneta.



Fonte: Acervo Pessoal.

Quando se começa um desenho do zero, sem uma imagem como base, usa-se mais da imaginação, mais de si mesmo e de sua bagagem interior e menos de interferências externas a princípio. Nesse sentido não é preciso ceder parte alguma de si, portanto se torna algo mais original e poético. Não há limites. É o que acontece nos meus desenhos de híbridos. Existe espaço para a reflexão e interpretações variadas. As únicas referências vêm da sua mente, cultura.

Ao representar a realidade se das pinceladas da própria essência, ao criar se coloca a essência inteira. Representar uma coisa que existe é diferente de representar uma ideia. Criar algo é tornar concreto aquilo que era abstrato.

Acredito que o olhar sobre a obra, a fruição estética também é diferente no Surrealismo e demais movimentos “desconstruídos”. A fruição demora mais, pois existe uma curiosidade, ainda mais quando há um elemento familiar, como o corpo, mas o todo é confuso.

Imagens claras parecem estar ligadas ao lado racional, enquanto imagens confusas despertam o lado emocional.

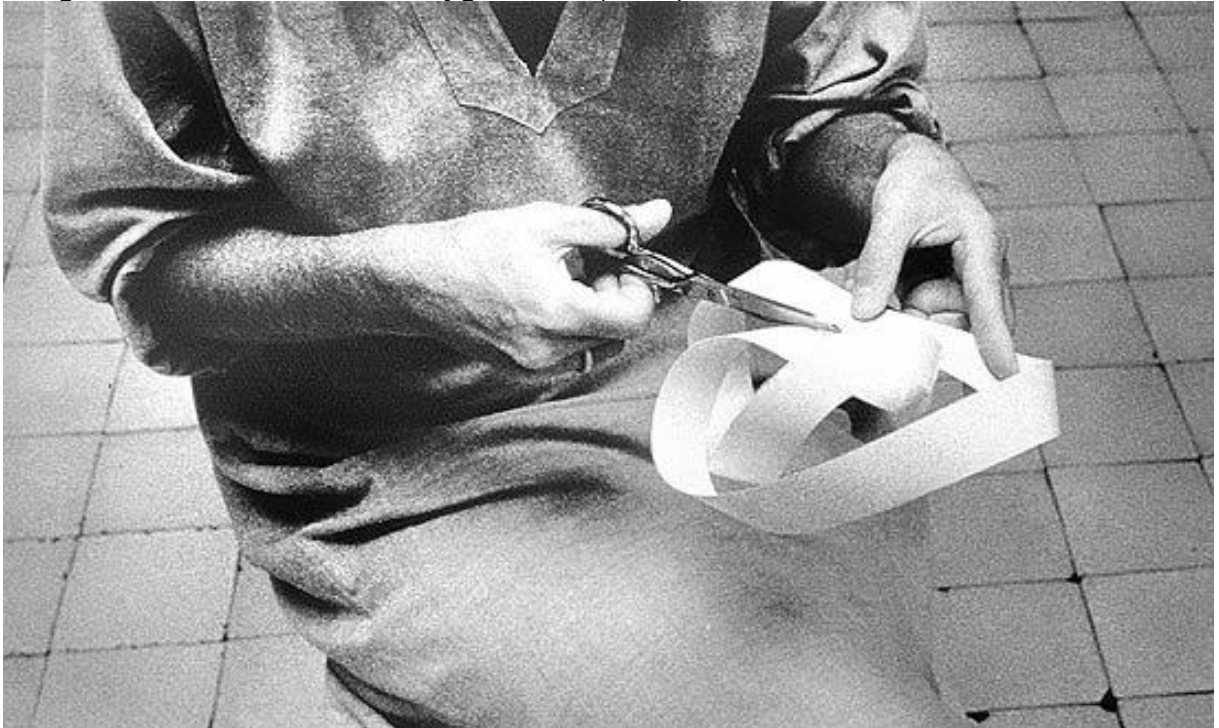
Toda pesquisa e toda arte tem um meio, que vai levando o artista ao resultado final. Muitas vezes a atenção está no fim e o processo que ocorre durante o percurso se perde, ali está à contradição, a chave da questão. Ray (2002, p. 136) comenta sobre essa contradição contida na obra, dizendo que:

Como na fita de moebius, na obra, os contrários também se unem; portanto, na contradição pode estar à luz de algo que se apresenta escondido na obra. É importante observar o que parece contraditório na sua própria obra e nas obras dos artistas estudados. Durante processo, podemos perceber coisas inusitadas. Muitas vezes, os artistas falam de impressões que só eles tiveram, ou de sensações e percepções singulares. Na contradição pode estar contido o núcleo das coisas.

Vejo como contraditória essa relação entre real e surreal nas minhas produções considerando que muitas vezes a contradição se encontra no processo, na obra, no próprio artista (eu) e também nas (minhas) reflexões. Muitos lugares são constituídos de contradições. Sendo assim trago duas referências ligadas a esta questão.

A primeira é a obra “Caminhando” de Lygia Clark onde “[...]ela propõe que o espectador, que já é então coautor participante da obra, crie uma fita de Moebius que cortará em toda a sua extensão, fazendo a experiência da continuidade entre o dentro e o fora [...]” (BARBIERI, 2008, p.13)

Imagem 7 – Caminhando, de Lygia Clark (1964).



Fonte: <<http://www.artefazparte.com/2012/09/sempre-em-frente.html>>

Fiz “Caminhando” para me aprofundar e compreender melhor, quanto mais eu cortava menos sentido fazia, aquele caminho é uma incógnita, não entendo. O que me leva a pensar em como o caminho em si é um processo muitas vezes misterioso e incompreensível, as ligações são feitas durante o caminhar e nesse sentido enxergo como uma metáfora para o processo criativo e para a arte. Segundo Salles (2009, p. 156) “O processo de criação, como processo de experimentação no tempo, mostra-se, assim, uma permanente e vasta apreensão de conhecimento”.

Imagem 8 – Meu “Caminhando” feito durante a pesquisa.



Fonte: Acervo Pessoal

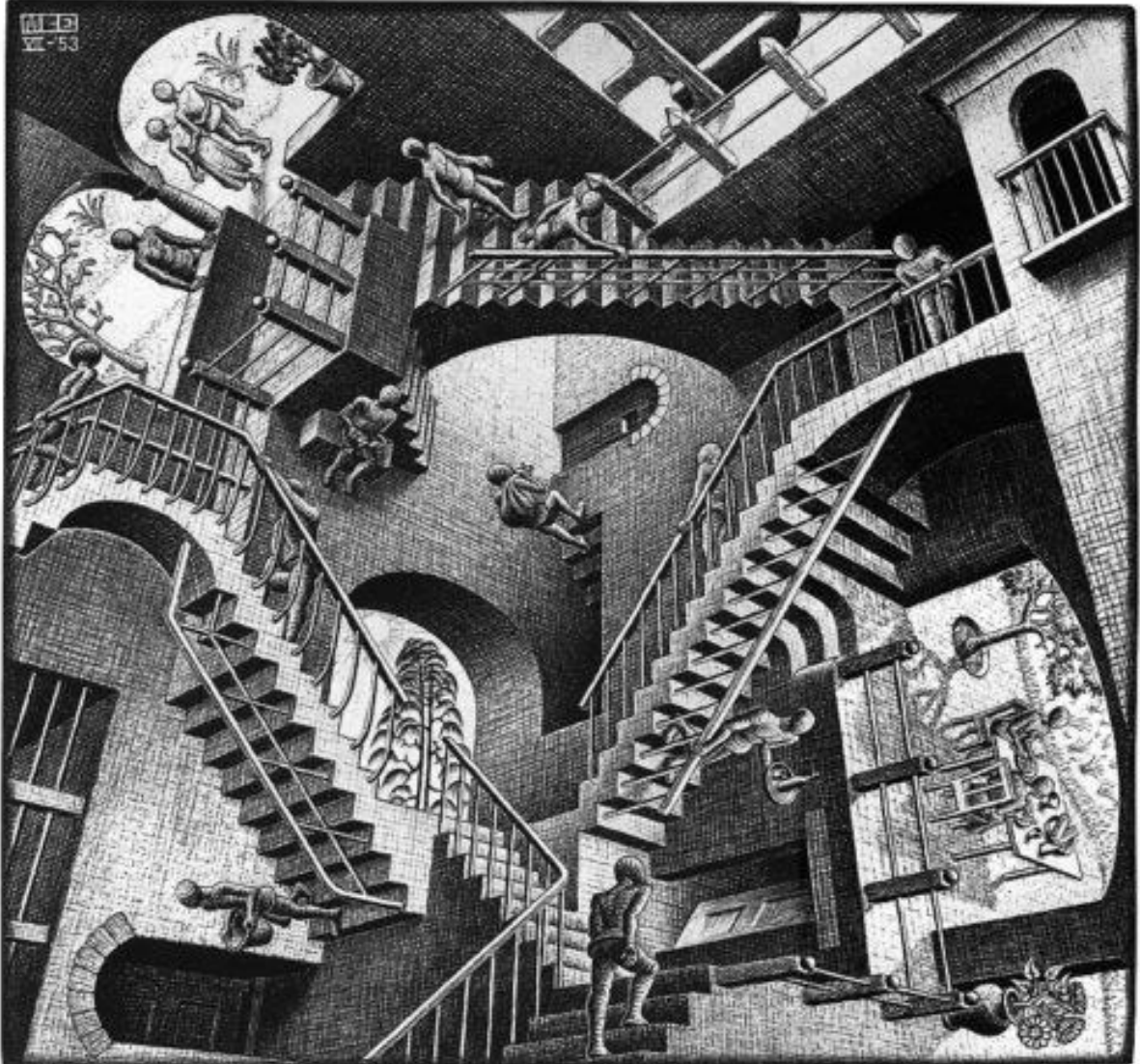
Proponho ao leitor desse estudo que tenha a experiência de fazer “Caminhando”¹³ para uma maior compreensão do que se trata, além de ser uma forma de esclarecimento também é um meio de aproximação com a pesquisa.

Seguindo essa linha de conexões híbridas do meu processo criativo (metáfora visual), trago também a obra “Relatividade”, do Escher que a meu ver também funciona como uma fita de moebios, à medida que não sabemos se os personagens

¹³ Siga um dos links para ver um tutorial de como fazer a fita de moebios, o seu “Caminhando”:
Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=gz05d_NPWGQ ou
<https://www.youtube.com/watch?v=Fs9uTrCE3Sw>

estão subindo ou descendo as escadas, como um eterno ir e voltar, um caminho cheio de armadilhas.

Imagem 9 – Relatividade, de Escher (1953)



Fonte: <<https://amusearte.hypotheses.org/2072>>

Considero Escher surrealista na forma como ele cria ilusões, lugares sem saída e muitas dúvidas no espectador. A imagem é um paradoxo, como se fosse um Oroboros¹⁴.

Tanto Lygia Clark como o artista Escher, me fazem refletir sobre o lugar de pesquisa, um eterno voltar, reanalisar, recomeçar. Nesse ponto temos uma metáfora

¹⁴ Oroboros: serpente que se alimenta da própria calda, formando um círculo. Dentre os muitos significados tomo o de eterno-retorno, continuidade. Disponível em: <https://www.significados.com.br/ouroboros/>. Acesso em: 03 jun. 2021.

visual para o processo criativo e a vida, às vezes a obra final não esclarece nada, apenas faz voltas.

Para compreender as conexões entre Realismo e Surrealismo no meu trabalho artístico, primeiro é preciso falar sobre esses movimentos artísticos, situá-los na história e conhecer como surgiram.

Entendo o realismo como um dos primeiros movimentos que surgiram e, portanto, seguindo a linha do tempo será o primeiro a ser conceituado dentro dessa pesquisa. É um movimento artístico que passou por várias fases e por isso existem vários tipos de realismo, porém não serão abordadas todas as questões históricas do movimento, apenas o seu surgimento e o conceito do termo de forma simples.

Sendo assim, início contando que realismo surgiu no século XIX inicialmente na França,

[...] como uma onda de oposição à subjetividade e ao individualismo da tendência artística anterior, o romantismo. Com a intenção de fazer da arte uma representação fidedigna e verossímil da realidade, escritores, pintores, escultores, músicos e dramaturgos privilegiaram a objetividade em suas obras, atentos à veracidade das situações cotidianas¹⁵.

Expondo a realidade tal qual ela era. Segundo Gombrich (2000, p. 589) os artistas “Orgulhavam-se de serem ‘realistas’ e ‘prosaicos’, e também de pintar assuntos que o homem comum pode entender e é capaz, de gostar”.

Entretanto, nenhum desses artistas estava deliberadamente fazendo sua escolha, com o fim de expressar sua personalidade. Só o fazia casualmente, do modo como todos nós fazemos [...] A ideia de que a verdadeira finalidade da arte era expressar a personalidade só poderia ganhar terreno quando a arte tivesse perdido todas as demais finalidades (GOMBRICH, 2000, p. 502).

Portanto trago uma obra do pintor Jean-François Millet, que foi um precursor do realismo, suas pinturas geralmente são representações de trabalhadores rurais e por isso lembram as fotografias dos meus pais na roça.

¹⁵ Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/realismo.htm>. Acesso em: 15 maio. 2021.

Imagem 10 – Homem com Enxada, de Jean-François Millet (1862)



Fonte: <<https://pt.wahooart.com/@/7YRE8Z-Jean-Fran%C3%A7ois-Millet-Homem-com-uma-enxada>>

A sensação de exaustão, cansaço na lavoura num clima escaldante e abafado de verão, a terra seca, e algo queimando ao fundo, a expressão facial do agricultor que me leva de volta para fora de mim e me faz lembrar dos meus pais, da dura realidade que é a vida.

Também trago uma obra de Rosa Bonheur, conhecida pelas suas pinturas de animais realistas que se assemelha muito com o trabalho dos meus pais, principalmente essa cena com o arado.

Imagem 11 – Arando em Nevers, de Rosa Bonheur (1849)



Fonte: <<https://www.meisterdrucke.pt/impressoes-artisticas-sofisticadas/Rosa-Bonheur/2342/Arando-em-Nevers.html>>

Ambas as pinturas são do final de 1800, me pego refletindo sobre mais de 200 anos após e a técnica de lidar com o campo permanece praticamente igual para os meus pais, o mesmo método.

Sendo assim trouxe duas fotos que remetem a modos de fazer (aspectos culturais) que vão se modificando com o tempo e o avanço da tecnologia, por exemplo: o uso de juntas de boi na lavoura e também o contato manual e a proximidade com a terra.

Trago essas duas fotografias como meio de registro do fazer unindo também uma visão estética sobre uma realidade e um trabalho que se repete diariamente, como mostra a imagem a seguir, meu pai levando a lavagem até o cocho para os animais.

Imagem 12 – Sem Título, 2021, fotografia.



Fonte: Acervo pessoal.

Às vezes acho que desenho até na fotografia, pois me importo com as formas da imagem.

Há alguns detalhes que fazem parte das minhas fotos e que remetem aos desenhos híbridos como: esconder o rosto preservando a identidade, trazendo o foco para as linhas e a forma. Na próxima fotografia fazendo que olhem mais para a paisagem, o ato de plantar, a cena sem buscar identificar a pessoa. Outra coisa que pode ser notada nesta foto em que meu pai segura uma cesta de milho, é que ele se tornou um híbrido, pois a cesta ocupa o lugar do rosto, ela se comporta como a cabeça que não aparece. A fotografia é realista, pois eu capturo a realidade, porém também existe o híbrido na composição da imagem, e nesse ponto ela também é surrealista.

Imagem 13 – Sem Título, 2018, fotografia.



Fonte: Acervo pessoal.

Abrindo o leque de como o Surrealismo pode ser entendido e estendendo esse conceito para a vida, a meu ver além de ser um movimento artístico também é algo que permeia a vida e todas as coisas. Vejo de forma bem ampla a relação com a existência humana, nossos pensamentos e ações, pois o surreal também se encontra nas ilusões tomadas como verdades absolutas, nas mentiras que acreditamos e influenciam a nossa existência de forma geral e provavelmente inconsciente. A questão não é dizer o que é real ou não, apenas mostrar um ponto de vista e suas relações com a pesquisa.

Percebo o surreal como interligado ao oculto, ao mistério e a incerteza. Volz (2016, p. 9) explica que “A incerteza é, acima de tudo, uma condição psicológica ligada a processos individuais ou coletivos de tomada de decisões e representa o entendimento e o não entendimento de problemas concretos.” Imagino um artista produzindo uma obra e deixando a imaginação traçar o caminho, a obra vai se constituindo durante o caminhar e o artista nem sempre tem consciência do lugar que surgiu a ideia. A própria obra que mostrou o caminho, portanto se constitui através de uma parcela do inconsciente.

O surrealismo, os movimentos de vanguarda e a arte contemporânea são bons exemplos de quebra com o padrão, pois muitas vezes tocam no fundo, no lado obscuro e no que se encontra escondido.

O Surrealismo surgiu no início do século XX durante a Segunda Guerra Mundial sendo um movimento de vanguarda que veio para revolucionar o jeito de fazer arte até o momento. Tendo como base a psicanálise e as ideias de Sigmund Freud.

Em 1924, na França, o surrealismo florescia junto às vanguardas europeias. André Breton, Salvador Dalí e René Magritte são alguns dos nomes evidenciados do movimento que, agarrado à complexidade e devaneios inconscientes, rejeitava os padrões burgueses e a tradução literal de sentimentos nas obras.¹⁶

Abrindo porta para maior expressividade dos artistas que usavam mais do lado psicológico e subjetivo nas suas criações.

Um dos textos mais importantes do movimento é o “Manifesto Surrealista”, nele André Breton (1924, p.12) descreve o termo como:

SURREALISMO, s.m. Automatismo psíquico puro pelo qual se propõe exprimir, seja verbalmente, seja por escrito, seja de qualquer outra maneira, o funcionamento real do pensamento. Ditado do pensamento, na ausência de todo controle exercido pela razão, fora de toda preocupação estética ou moral.

“Acredito na resolução futura destes dois estados, tão contraditórios na aparência, o sonho e a realidade, numa espécie de realidade absoluta, de surrealidade, se assim se pode dizer.” (Breton, 1924, p.7) Portanto o surrealismo ultrapassaria a realidade ao mostrar o que está por traz da consciência do artista. Segundo Gombrich (2000, p. 591) os jovens artistas daquela época buscavam criar algo mais real do que a própria realidade, e não somente uma cópia do que é visto.

O surrealismo é concebido por seus fundadores não como uma nova escola artística, mas como um meio de conhecimento, em particular de continentes que até então não tinham sido sistematicamente explorados: o inconsciente, o maravilhoso, o sonho, a loucura, os estados alucinatórios, em resumo, o avesso do que se apresenta como cenário lógico (NADEAU, 1958 *apud* SANTOS, 2002, p. 46).

Abrindo porta para a expressividade dos artistas, para ele usarem mais das profundezas da psique humana, abrindo para novas possibilidades.

Dentre todas as obras famosas de Picasso a que mais gosto é essa:

¹⁶ Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2017/09/13/interna_diversao_arte,625370/artistas-ainda-sao-influenciados-pelo-surrealismo.shtml. Acesso em: 28 maio. 2021.

Imagem 14 – Light Painting, de Picasso (1949)



Fonte: <<https://olhaquemassa.com/2012/08/22/light-painting-picasso/>>

Apesar de Picasso ser muito reconhecido pelo cubismo, ele também é considerado surrealista. Trouxe essa *light painting*¹⁷ dele, pois ao fazer esses movimentos espontâneos com a luz, rabiscando uma pessoa me remete a outros trabalhos dele, essa distorção do corpo, a sua forma de criar, de pensar, o processo em si. Mesmo nesse gesto pouco calculado sua essência está ali, naquele traço mesmo sendo outra técnica, como rastros do inconsciente.

Imagem 15 – Anatomia, de Man Ray (1930)



Fonte: <<https://arthur.io/art/man-ray/anatomy>>

¹⁷ Light painting: termo do inglês “pintura com luz”. Técnica artística que surgiu no início do século passado usada na iluminação fotográfica. Disponível em: <<https://pontodeouro.wordpress.com/2011/05/14/light-painting-%E2%80%93-o-que-e/>> Acesso em: 15 jun. 2021.

Dentre todos os trabalhos de Man Ray, *Anatomia* me chamou atenção pela parte do corpo que ele decidiu fotografar, pela forma inusitada e simples. Porém ao mesmo tempo instrui o observador a enxergar além da forma de sua fotografia, de relance pode parecer um pescoço normal, mas ao observar atentamente há algo de incomum, o membro parece estar deslocado ou carregar algo dentro, a clavícula também é anormal. Enfim, com isso chego ao ponto de que uma fotografia realista a princípio é na verdade surrealista, ou um pouco dos dois.

Imagem 16 – Girafa em chamas, de Salvador Dalí (1937)



Fonte: <<https://docero.com.br/doc/n81vse>>

Vejo uma conexão de *Girafa em Chamas* com o meu processo de desenhos híbridos, pois Dalí, em sua pintura modificou o corpo feminino unindo gavetas nele. Ao mesmo tempo em que o corpo é real também é mecânico como um fantoche controlado.

4 INSTALAÇÃO: CRIANDO CONEXÕES

Até aqui a escrita vem quebrando com a ideia de explicar a obra e colocar títulos. Mas nesse momento é preciso justamente fazer o oposto e descrever como surgiu a ideia da obra que está exposta e que é um desdobramento dessa pesquisa.

A pesquisa se desdobrou em uma instalação artística composta por uma seleção das minhas produções dos últimos anos juntamente com as atuais decorrentes da pesquisa, unindo assim:

- Desenhos/esboços;
- Gravuras;
- Pinturas;
- Fotografias;
- Esquemas de montagem;
- Lugar de pesquisa;
- Anotações de 2019, 2020 e 2021;
- Dentro e fora;
- Citações que complementam a pesquisa;
- E meu “Caminhando”

Algumas são anteriores ao curso, outras foram feitas durante as aulas nos ateliês, algumas em casa e outras no meio dessa pesquisa. Trouxe para a exposição alguns dos trabalhos que compõem esta escrita e, também, os que são inéditos.

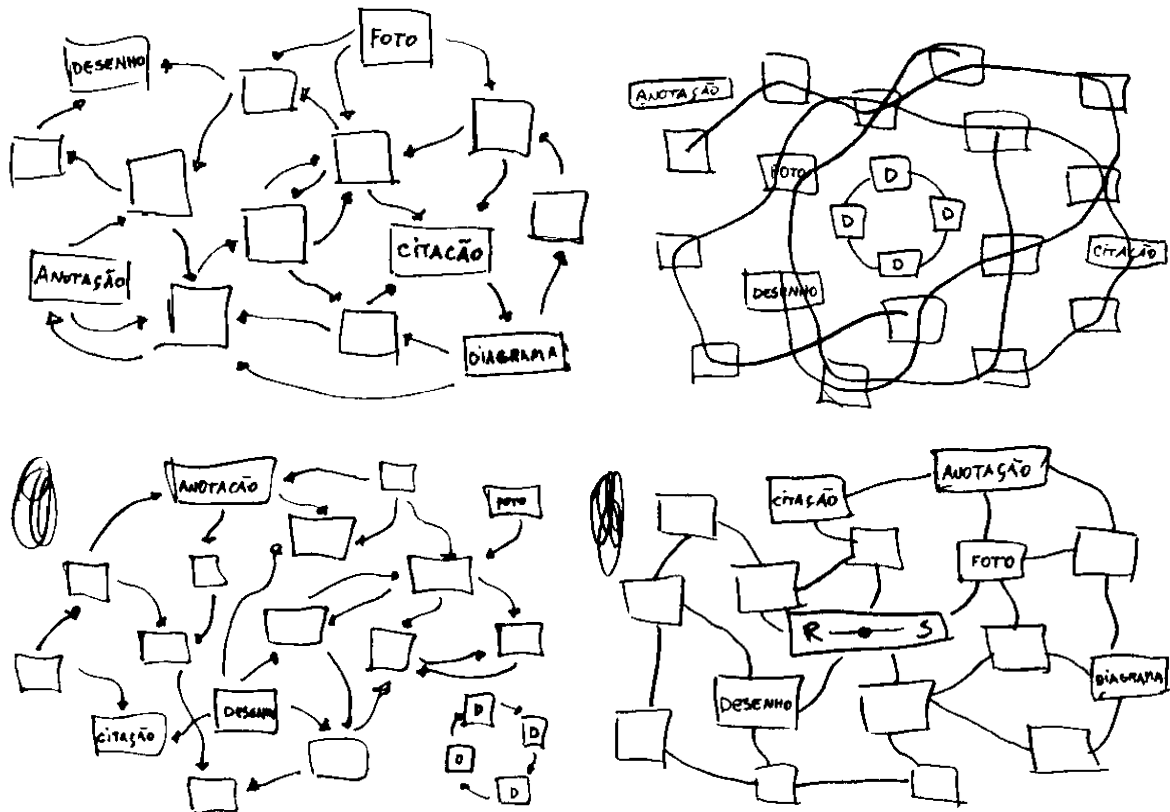
Ao fazer a seleção dos trabalhos escolhi apenas os que remetem ao tema de pesquisa: conexões entre realismo e surrealismo, deixando de fora muitos outros.

Ao olhar para os trabalhos escolhidos notei que há ligações com outras produções e assim por diante, existe uma ramificação, um processo contínuo de mudanças. Alguns são a continuação do anterior e foram feitos na mesma época, tendo uma estética semelhante, outros são aparentemente opostos, porém ainda assim estão interligados.

Procurar as ligações é refletir sobre qual trabalho influenciou o surgimento do próximo, qual veio antes e levou a outra linha de pensamento, a outra ideia que me fez mudar de estilo, é uma ida e vinda de inspirações. Quando por exemplo um trabalho fica inacabado, começo outro e depois retorno ao anterior, houve uma troca entre eles.

Mentalmente imaginei como tornar visíveis as conexões concretizando aquilo que é abstrato.

Imagem 17 – Quatro esquemas de como a obra pode ser montada



Fonte: Acervo Pessoal

Coloquei esses trabalhos na parede deixando um espaço entre si, para assim fazer as ligações, desenhando setas que indicam a influência entre eles.

São várias obras que unidas tomam outra configuração e, portanto, são uma coisa só. Unindo assim passado e presente, pesquisa, processo e resultado final.

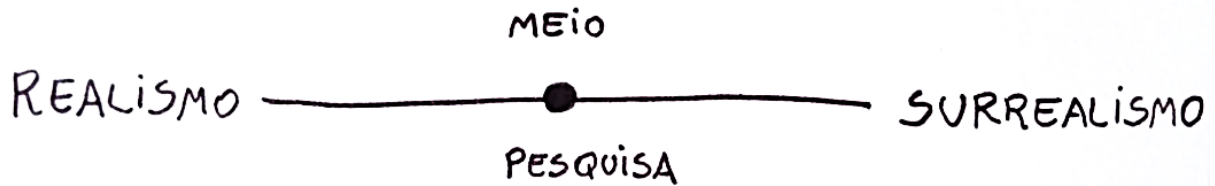
Salles (2009, p. 131) comenta que:

Diante das contínuas testagens que as versões da obra concretizam, encontramos diferentes universos coexistindo ao longo do processo. Formas que podem ser obras, outras que serão rejeitadas e outras ainda que serão ajustadas e, conseqüentemente, metamorfoseadas.

O que não deixa de ser um processo de edição da obra.

Desse modo fazer esse esquema trazendo recortes do que se passa na minha cabeça, as anotações, citações de teóricos, o meu “Caminhando” e todos esses esquemas é expor o projeto, mostrando parte do processo criativo, trazendo a própria ideia de montagem como parte da obra final. Trazer aquilo que fica atrás e colocar na frente. Fazer do meio o fim. Já que o processo se tornou a obra.

Imagem 18 – Esquema – lugar de pesquisa



Fonte: Acervo Pessoal

Uma pesquisa que fica no meio pois é entendida como a dúvida, como parte de um caminho. Por que a pesquisa está no meio? Porque é no meio que tudo acontece. Porque acredito na união dos opostos e que esses dois movimentos envolvem todas as coisas num sentido de que definir o que é realidade ou fantasia pode ser algo muito difícil olhando com profundidade.

Salles (2009, p. 17) comenta sobre os registros de processo criativo, ao dizer que:

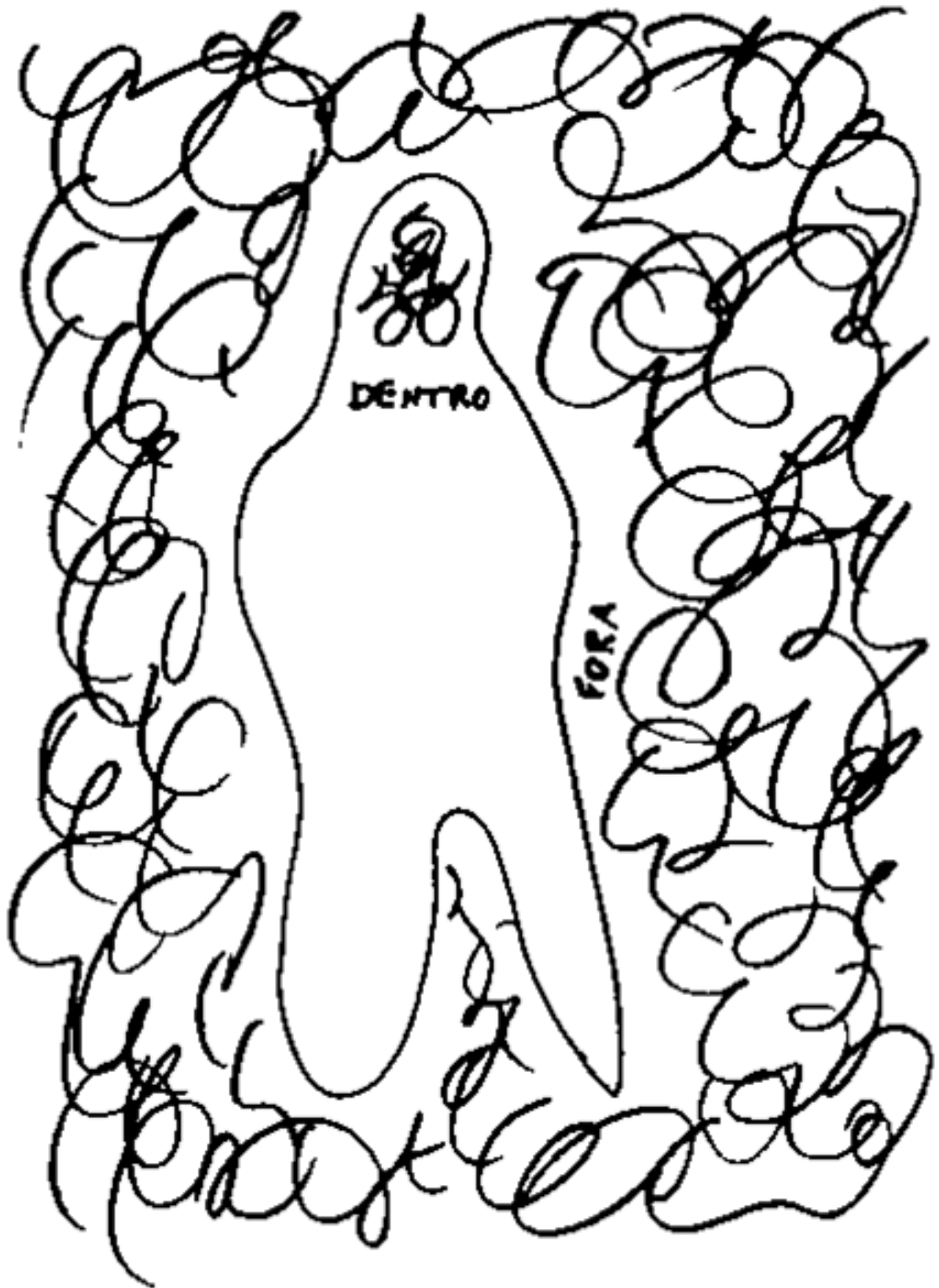
Os documentos de processo são, portanto, registros materiais do processo criador. [...] Estamos conscientes de que não temos acesso direto ao fenômeno mental que os registros materializam, mas estes podem ser considerados a forma física através da qual esse fenômeno se manifesta. Não temos, portanto, o processo de criação em mãos, mas apenas alguns índices desse processo.

E, portanto, um recorte do meu mundo psicológico concretizado em uma obra que não representa o todo, apenas uma parcela.

De repente surgiu esse esquema visual e acredito na clareza que a imagem pode passar no momento de explicar algo que pode ser muito confuso. Dentro de nós existe: a subjetividade, o pessoal, a individualidade, o inconsciente, o oculto, a dúvida, e, portanto, no meu desenho simboliza o surrealismo. Do lado de fora está: a coletividade, o cultural, o social, o consciente, o concreto, a certeza, e, portanto, o realismo. De qualquer modo isso só funciona no sentido figurado, pois a realidade é a união dos dois, real e surreal, interior e exterior, certeza e dúvida.

Sendo assim “A construção artística acontece, de uma maneira geral, em uma rede de operações lógicas e sensíveis (SALLES, 2009, p. 53).

Imagem 19 – Dentro e fora = surrealidade e realidade respectivamente

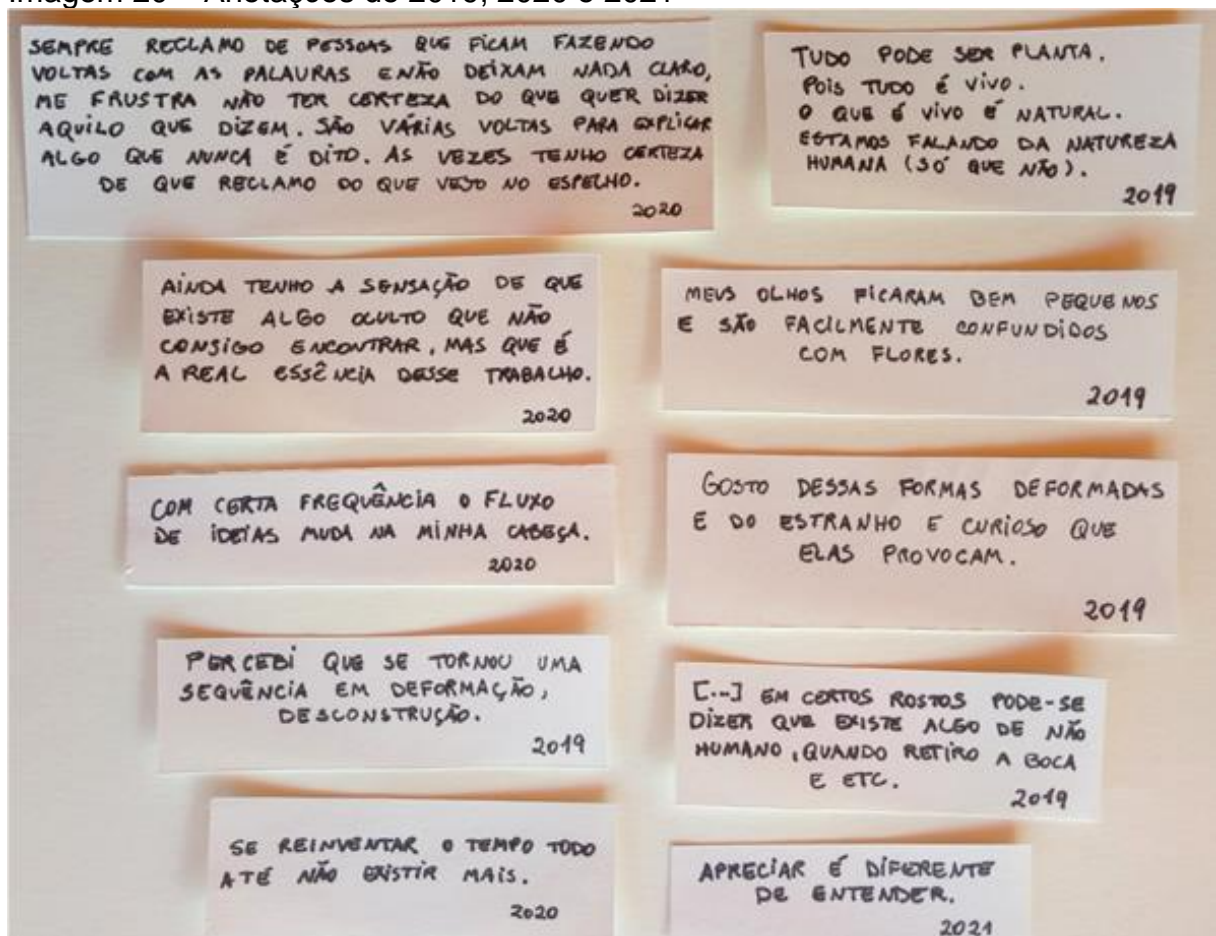


Fonte: Acervo Pessoal

Acredito que através da instalação tornou-se notável a passagem do tempo e as mudanças no meu traço e estilo, meu deslocamento na arte, o que considero uma evolução. Sendo assim os desenhos mais antigos são mais voltados para o realismo enquanto os mais atuais para o surrealismo. Também é possível pensar que a instalação é um híbrido, já que une vários trabalhos distintos. O real e o surreal...

As anotações a seguir refletem um período de aproximadamente três anos e é como se esses pensamentos ainda ressoassem atualmente.

Imagem 20 – Anotações de 2019, 2020 e 2021



Fonte: Acervo Pessoal

Seguindo a “[...] convicção de que as palavras produzem sentido, criam realidades e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação” (LAROSSA, 2002, p. 20-21.). Que geralmente estariam escondidos no diário de artista e não exposto, entretanto acredito que trazer a tona essas anotações facilita a compreensão das relações e da dimensão mental e temporal da instalação.

Visto que meu trabalho de conclusão de curso tem como foco o processo criativo resolvi trazer também registros do processo de montagem da obra, que são fotografias tiradas durante a gravação em vídeo¹⁸ desse processo.

Imagem 21 – Registro da montagem, recortar e colar



Fonte: Acervo pessoal

Inicialmente o trabalho consistiu-se em recortar pedaços de fita e colar no verso das imagens e frases.

¹⁸ O vídeo da montagem da obra está disponível no canal do YouTube da Sala EdiBalod e pode ser visto através do link:<https://www.youtube.com/watch?v=3pq4uKWIUXY>

Imagem 22 – Registro da montagem, colocando na parede



Fonte: Acervo pessoal

Para então depois colocar na parede utilizando o nível.

O lugar de cada coisa foi escolhido intuitivamente no início, depois cada coisa chamava pelas que fazem relação, pois lembrei que ao final iria desenhar as setas, então comecei a colocar por perto os que estavam relacionados para facilitar no momento de fazer as conexões e assim o espaço foi sendo preenchido.

Imagem 23 – Registro da montagem, desenhando as setas



Fonte: Acervo pessoal

Enquanto desenhava as setas notei que mesmo colocando próximos os que estavam relacionados, fazer todas as relações que via se tornou inviável, pois havia relações com obras distantes que a priori não notei e assim alguns traços seriam longos demais, me preocupei com a estética que poderia ficar muito carregada e confusa, portanto, fiz apenas as conexões principais.

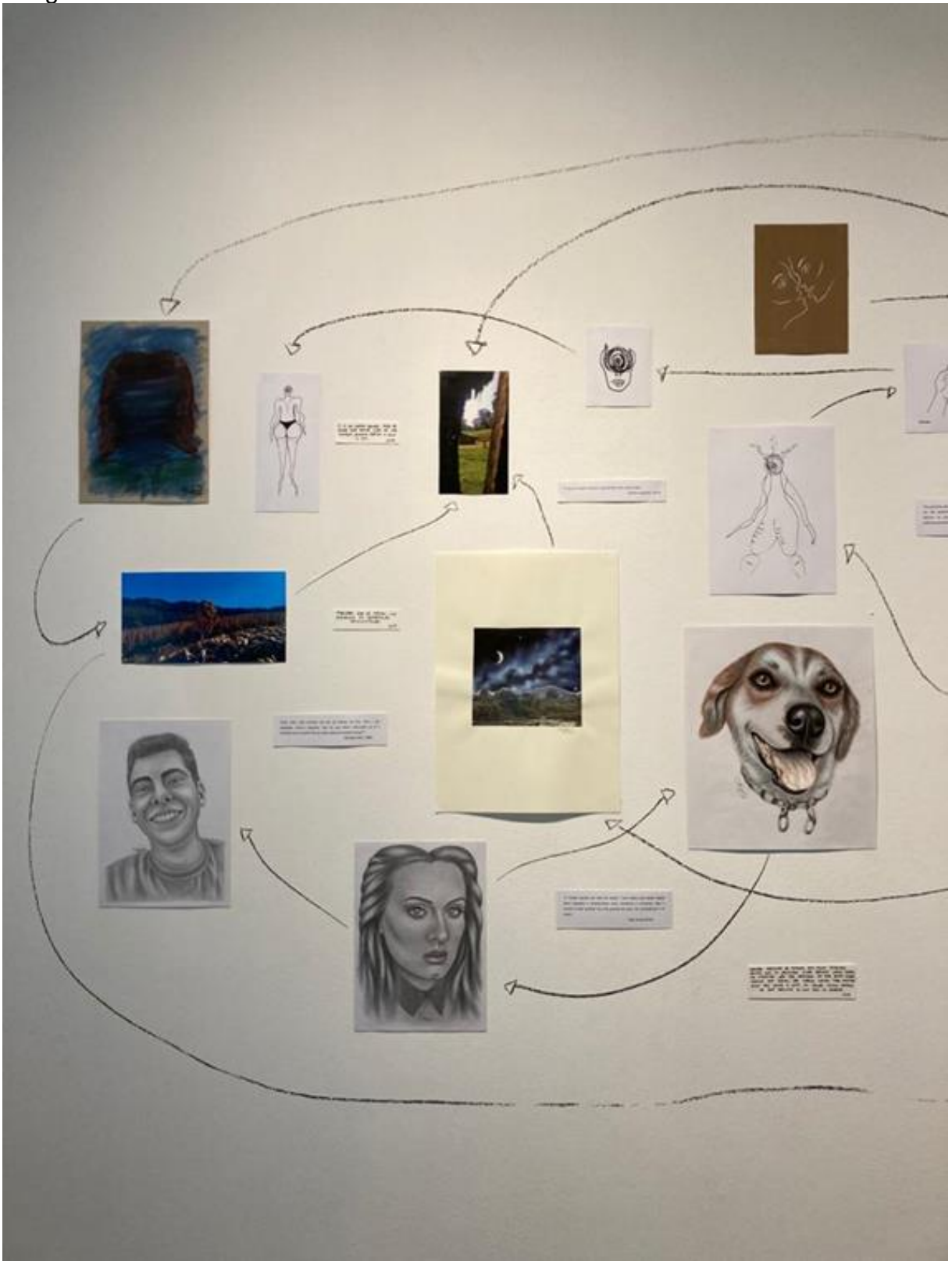
Durante todo esse processo recebi a ajuda principalmente de Rafaela Barcelos, estagiária da Sala Edi Balod que me auxiliou desde colocar as fitas até nivelar as imagens e opinar sobre espaços vazios que poderiam ser preenchidos, a professora Daniele Zacarão, e a Alessandra Barbosa dentre outras pessoas também me ajudaram a agilizar o processo de montagem, para então chegar ao resultado final mais rapidamente.

Imagem 24 – “Sem Título”, (2021). Exposição coletiva Investigações de Si, Sala EdiBalod



Fonte: Acervo pessoal

Imagem 25 – Detalhe da obra “Sem Título”



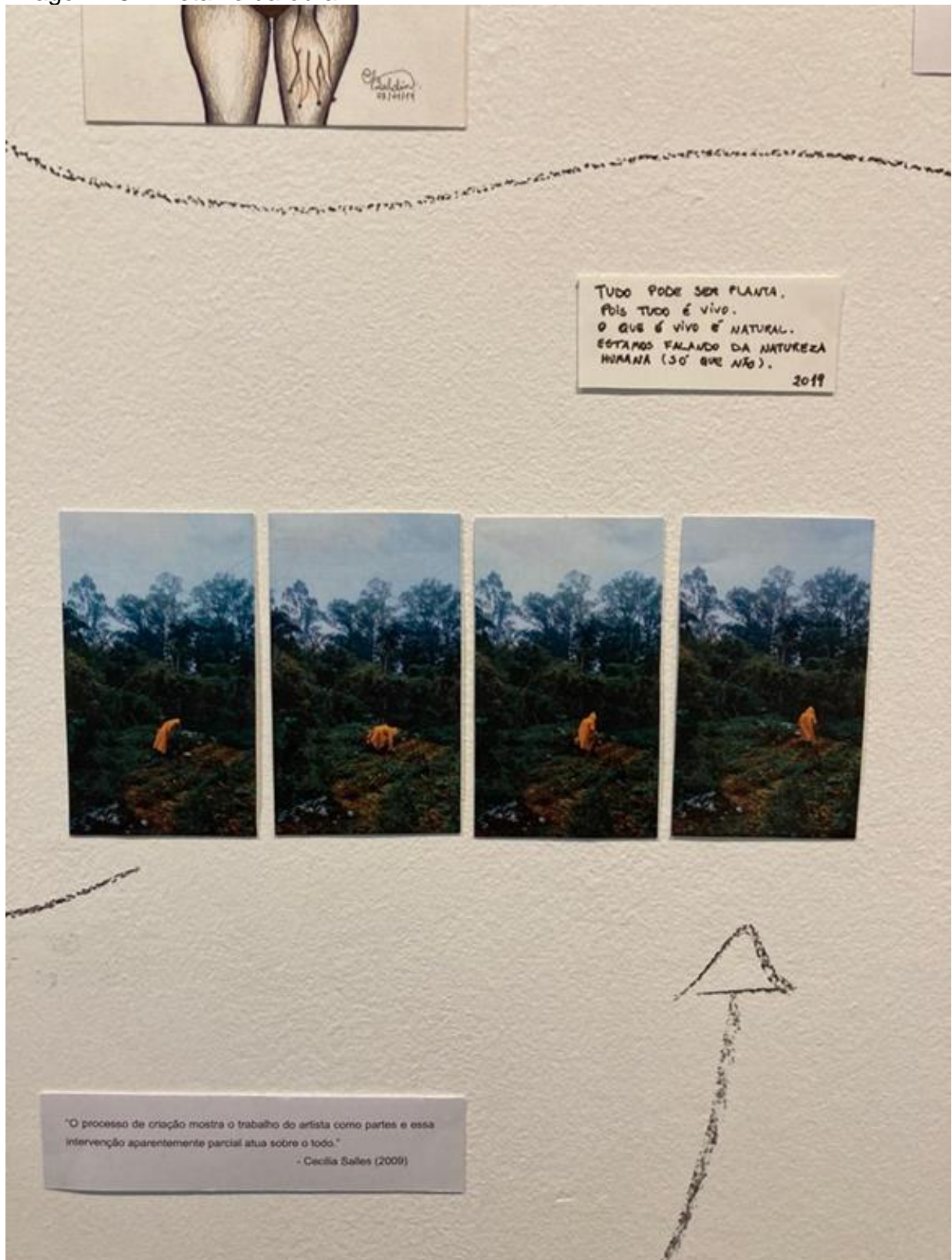
Fonte: Daniele Zaccarão.

Imagem 26 – Detalhe da obra “Sem Título”



Fonte: Daniele Zacarão.

Imagem 28 – Detalhe da obra “Sem Título”



Fonte: Daniele Zacarão.

Imagem 29 – Detalhe da obra “ Sem Título”

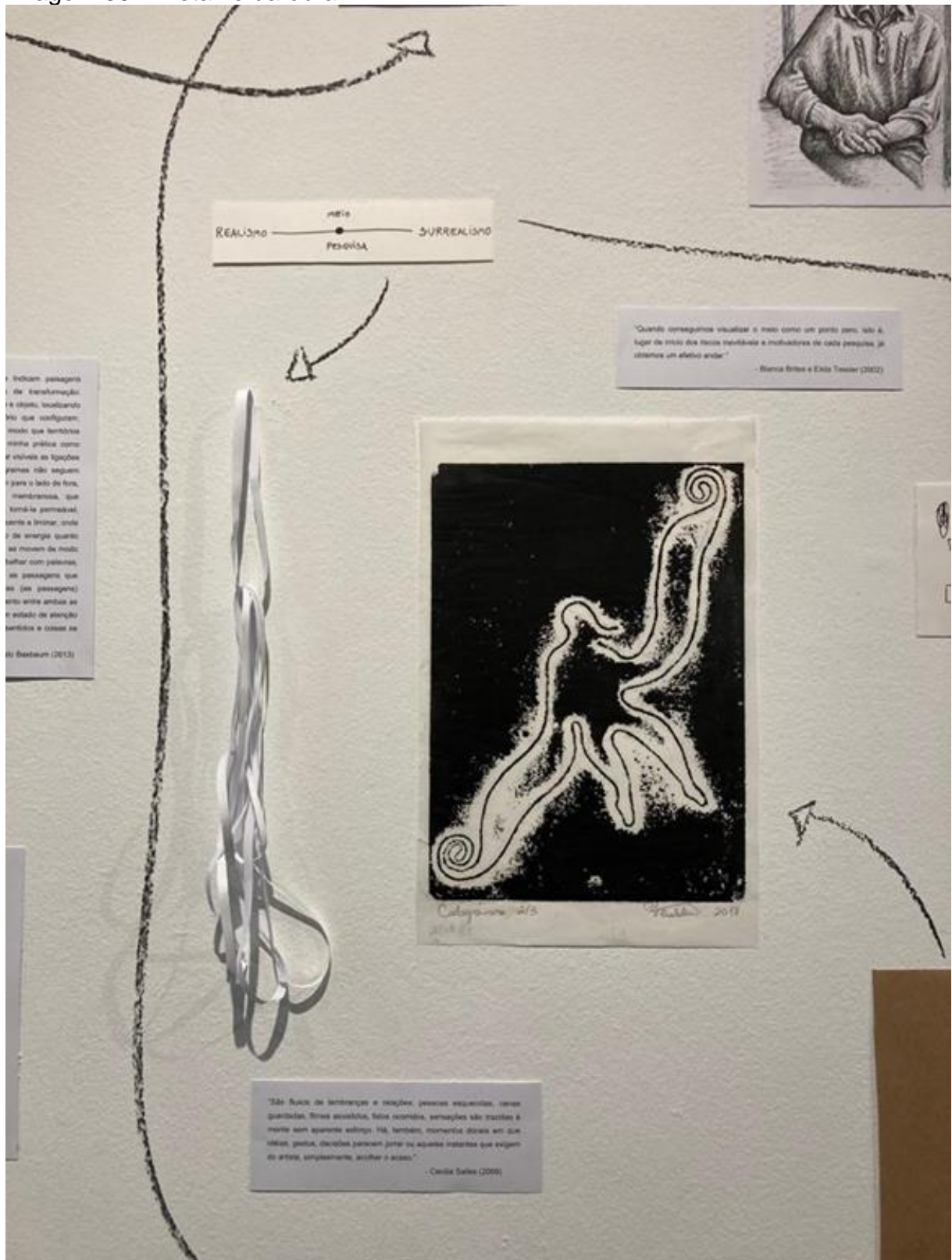
“Os caminhos são muitos e, apesar de darmos indicações para percorrê-los, são também muito difíceis. São inevitáveis as bifurcações, os desvios, as pontes, as derivações do andar. [...] O caminho está indissoluvelmente ligado ao caminhante e a seu andar.”

- Helio Ferverza (2002)



Fonte: Daniele Zacarão.

Imagem 30 – Detalhe da obra “Sem Título”



Fonte: Daniele Zacarão.

Imagem 31 – Convite da exposição coletiva *Investigações de Si*

Fonte: Acervo pessoal.

5 CONSIDERAÇÕES (NÃO SÃO) FINAIS

Considerações (não são) finais, pois tenho a impressão de não ter chegado a lugar algum, entretanto me sinto iludida com as certezas de que minha mente aparentemente chegou.

Acho que sou uma generalista, tenho a mania de criar ligações e achar que tudo está interligado em um sentido bem amplo, universal. De modo que um assunto sempre leva a outro, e uma imagem também, foi assim que surgiu a ideia da instalação. Muitas vezes uma pergunta abre margem para várias respostas diferentes e uma questão abre para novas questões. As coisas vão criando ramificações e pontos de encontro, e aquilo que era simples torna-se complexo.

Inicialmente a minha escrita não fazia muito sentido para mim, os capítulos pareciam flutuar, os parágrafos desconexos, é o efeito da complexidade de uma ramificação que se encontra no meio, essa pesquisa. Também é no meio onde surge a arte, no meio da vida, sempre.

Estou frustrada por que tinha mais para escrever e aprofundar neste estudo, isso foi tudo que pude expressar em palavras. Mas agora irei “despoetizar”¹⁹ e falar sério.

Acredito que as minhas produções num geral sempre estão ligadas há dois tempos diferentes, dois momentos diferentes para a história da arte, porém próximos. Tanto que para o senso comum essa divisão não está bem estabelecida, muitas pessoas chamam de moderno quando querem dizer contemporâneo e vice-versa. Acredito que tomar a divisão como parte não faz sentido, até porque os artistas daquela época eram os contemporâneos de agora, assim como nós também estamos rompendo com o tempo. Mas é impossível falar de arte atual sem tocar no passado quando a história é detentora de grandes mudanças e importantes artistas que nos influenciam até hoje. Sendo assim ao escolher as referências artísticas busquei trazer as obras que mais gosto e que me fazem refletir sobre essa relação entre real, surreal e processo, apesar de não conseguir enxergar nada de surreal nas pinturas realistas de Bonheur e Millet. Acho que a minha tendência é pender cada vez mais para o imaginário.

¹⁹ Parar de ser poética e finalmente chegar às considerações finais.

Antes eu seguia a ideia tradicional da arte clássica buscando reproduzir fielmente a realidade, depois descobri que isso não me interessava mais e ainda agora tenho essa preferência pessoal pelo surrealismo, porém existem períodos de abandono de um e aprofundamento de outro, ainda estou experimentando novas formas de fazer e pensar arte.

Atualmente me interessa mais a desconstrução e a deformação, provavelmente é por isso que tenho a impressão de que privilegiei esse movimento e deixei o realismo meio de lado nessa pesquisa, o que de fato reflete os meus últimos anos de processo criativo.

Trouxe a minha visão sobre as minhas obras e dos artistas estudados, no entanto sei que novas relações podem ser feitas, acrescentando significados. “Se partirmos do pressuposto que a arte é intraduzível, assumiremos o fato de que todo discurso será parcial; que nenhum conterá a ‘verdade’ da obra, mas que todos poderão contribuir para seu entendimento”(CATTANI, 2002, p.38). Nem eu mesma sei qual é a verdade da minha obra, a cada momento a verdade muda, porém tenho a consciência de que esta incerteza constante faz parte do processo. Conforme Salles (2009, p. 131) “[...]o percurso criador, ao gerar uma compreensão maior do projeto, leva o artista a um conhecimento de si mesmo. Desse modo, o percurso criador é para ele, também, um processo de autoconhecimento”.

Foi lendo e escrevendo que percebi o quanto sou contraditória e que muitas outras coisas também são contradições. Justamente esse é o processo da vida, da arte, do meu próprio pensamento. Cair na própria armadilha. Uma fita de moebios eterna.

Imagine uma teia de aranha, quando puxo de um lado, solta do outro, se eu não deixar fluir a pesquisa não se sustenta, pois, a sustentação está justamente na contradição.

No decorrer da pesquisa fui percebendo as conexões entre as minhas falas, as reflexões dos autores estudados, bem como as obras dos artistas clareando assim as ligações entre os capítulos. Espero que a escrita juntamente com as imagens tenha repassado a minha linha de pensamento o qual frequentemente deixa lacunas.

Mesmo assim sinto a necessidade de explicar a conexão do segundo capítulo com todo o resto. No segundo capítulo chamado “Sentir ou racionalizar?” reflito sobre como a educação formal em arte leva grande parte da sociedade a racionalização da arte, pois noto que a escola muitas vezes induz o aluno a olhar dessa maneira, a

buscar um sentido. Digo isso baseado em minha experiência pessoal durante os anos de escola. Vejo a busca por racionalização conectada com a estrutura da sociedade, com as formas de pensar culturalmente difundidas, onde somos ensinados a valorizar a ação, o concreto, o útil, a certeza, a razão e nisso se inclui o realismo como técnica que busca representar a realidade, o exterior. Portanto a tentativa de racionalização da arte é cultural, ou talvez seja natural do ser humano buscar uma razão em tudo. Eu mesma faço isso em diversos momentos nessa pesquisa, quando tento encontrar a essência do meu trabalho.

Penso que culturalmente somos ensinados a evitar os sentimentos e sensações, o abstrato, e isso reflete também na apreciação da obra, que se torna muito superficial. Procurar o título da obra, o conceito, a necessidade de explicação.

Portanto esta pesquisa desenvolveu-se

Em duas direções opostas e complementares: o pensamento estruturado da consciência e um afrouxamento das estruturas inconscientes. A superfície e a profundidade, consciência e inconsciência, estabelecem, durante a pesquisa, um processo dialético, efetuando trocas na elaboração de procedimentos, na pesquisa com materiais, na execução de técnicas, na reflexão e na produção textual (REY, 2002, p. 127).

Finalizo este trabalho pensando que a realidade é única de cada um, já sabia disso, mas a pesquisa me passou essa certeza.

Não consegui evitar a generalização do meu pensamento, digo que a vida/realidade é juntamente composta pelos movimentos opostos, pela contradição, assim como pelo paradoxo.

- Realismo e surrealismo.
- Ideia e fato.
- Exterior e interior.
- Consciente e inconsciente.
- Início e fim.
- É a união que forma o todo.

Não há como anular um dos lados, eles coexistem e trocam forças mutuamente.

E nós apenas estamos no meio, neste lugar de incerteza continua. Também situado como lugar de pesquisa.

Um dia desses pesquisei os sinônimos da palavra Meio e surgiram algumas palavras esclarecedoras: “âmago, alma, eixo, essência, base, íntimo, fundo, interior, vivo, motivo, caminho, medula, ventre, coração, centro, espírito, miolo...”²⁰ O que por si só já é uma conclusão.

Na arte uno o que vem de fora e compõe a minha realidade, como a natureza que me cerca por morar no interior, os meus pais trabalhando na roça, os animais...Enfim, acredito que esses fatores externos de alguma forma se apresentam na estética das minhas criações, por exemplo: quando desenho um híbrido e substituo algumas partes do corpo por folhas ou tentáculos. Do mesmo modo também transfiro impressões pessoais, aspectos internos que não sei explicar. Unindo o externo com o interno.

Preciso me desconstruir mais e mais, várias vezes, fazer edições de mim. Sinto que existe um ar conservador nessa pesquisa o qual não pude ultrapassar, pois está em mim e seria impossível fazer melhor sendo que não evolui ainda. Mas realmente, preciso evoluir.

É nesse ponto de partida que não é um início, mas sim a continuação de uma poética a qual vem se desenvolvendo com o tempo e que irá se desenrolar em não sei o que mais. É agora o fim.

“Penso que agora terei que pedir licença para morrer um pouco. Com licença - sim? Não demoro. Obrigada.”

Clarice Lispector

²⁰ Disponível em: Oxford Languages. Acesso em: 03 jun. 2021.

REFERÊNCIAS

- BARBIERI, C. P. Da vida à arte e de volta à vida: o sujeito em Lygia Clark. **Cógitto**, Salvador, v. 9, n. 9, p. 10-18, 2008. Disponível em: <https://bit.ly/36aUOSo>. Acesso em: 7 maio 2021.
- BRETON, A. **Manifesto surrealista**. Transcrição de Alexandre Linares. Paris, França: [s.n.], 1924. Disponível em: <https://bit.ly/3we4GFE>. Acesso em: 20 abr. 2021.
- CATTANI, I. B. Arte contemporânea: o lugar da pesquisa. *In*: BRITES, B.; TESSLER, E. (orgs.). **O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas**. Porto Alegre: UFRGS, 2002. p. 37-50.
- COCCHIARALE, F. **Quem tem medo de arte contemporânea?** Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Massangana, 2006. 77 p.
- DERDYK, E. **Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil**. 5. ed. Porto Alegre: Zouk. 2015. 195 p.
- FREITAS, D.; GALVAO, C. O uso de narrativas autobiográficas no desenvolvimento profissional de professores. **Ciências & Cognição [On-line]**, Rio de Janeiro, v. 12, p. 219-233, 2007. Disponível em: <https://bit.ly/3AoF5wX>. Acesso em: 25 maio. 2021.
- GOMBRICH, E. H. **A história da arte**. Rio de Janeiro: LTC, 2000. 688 p.
- KEPLER, P. Á. Identidade: singularidade: conceitos presentes na arte. **Revista Poiésis**, v. 16, n. 26, p. 207-220, dez. 2015. Disponível em: <https://bit.ly/3qKy98Q>. Acesso em: 25 maio. 2021.
- LANCRI, J. Colóquio sobre a metodologia da pesquisa em artes plásticas na universidade. *In*: BRITES, B.; TESSLER, E. (orgs.). **O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas**. Porto Alegre: UFRGS, 2002. p. 15-33.
- LAROSSA, J. B. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002. Disponível em: <https://bit.ly/2TtF6is>. Acesso em: 20 abr. 2021.
- LISPECTOR, C. **Água viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. 68 p.
- OLIVEIRA, M. O. Contribuições da perspectiva metodológica 'investigação baseada nas artes' e da a/r/tografia para as pesquisas em educação. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 32, n. 1, p. 365-382, jan./mar. 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3hdrLUP>. Acesso em: 25 maio 2021.
- REY, S. Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais. *In*: BRITES, B.; TESSLER, E. (orgs.). **O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas**. Porto Alegre: UFRGS, 2002. p. 123-140.

SALLES, C. A. **Gesto inacabado**: processo de criação artística. 4. ed. São Paulo: Fapesp Annablume, 2009. 171 p.

SANTOS, L. G. A experiência surrealista da linguagem: Breton e a psicanálise. **Ágora**, v. 5, n. 2, p. 229-247, jul./dez. 2002. Disponível em: <https://bit.ly/3ynnbZR>. Acesso em: 25 maio 2021.

VOLZ, J. Incerteza viva. *In*: VOLZ, J.; PRATES, V. (orgs.). **Incerteza viva**: processos artísticos e pedagógicos. São Paulo: 32ª Bienal, 2016. p. 20. Disponível em: <https://bit.ly/3yk1Kso>. Acesso em: 2 jun. 2021.